

# INFLUÊNCIA DAS TRADIÇÕES NAVAIS NA FRONTEIRA OESTE DO BRASIL\*

CRISTIANE CARVALHO SILVA CARDOSO\*\*  
Segundo-Sargento (PD)

---

## SUMÁRIO

Introdução  
Contexto histórico  
Memórias e histórias  
Nossa Senhora dos Remédios, seu templo e sua procissão  
De Cine Marinha à atual Casa de Cultura

## INTRODUÇÃO

A contribuição da Marinha do Brasil (MB) para a cultura contemporânea de Ladário (MS) é, a diversos títulos, significativa. Não só pelo seu papel institucional de manter a segurança e a soberania territoriais, mas também pelo seu papel de construção da cultura da população local, entrelaçando suas tradições com a tradição da cidade.

## CONTEXTO HISTÓRICO

Ao criar a capitania de Mato Grosso em 1748, instalando-a na cidade de Cuiabá, capital do estado do Mato Grosso, a coroa portuguesa buscava efetivar suas conquistas territoriais e deter o avanço das missões jesuíticas espanholas. É nesse contexto que ocorre a decisão de transferência do Arsenal de Marinha de Cuiabá para Ladário. Esta foi efetivada em 1873,

---

\* Título original: "Memórias e Histórias – Influência das Tradições Navais na Cultura e Identidade Religiosa na Fronteira Oeste do Brasil – O caso Ladário – MS".

\*\* Mestranda em Estudos Fronteiriços pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Bacharel em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

sendo sua construção iniciada em 14 de março do referido ano.

A partir desse fato, observamos que a história da cidade está intrinsecamente ligada à memória do Arsenal de Marinha.

A Guerra da Tríplice Aliança mostrou as deficiências de Mato Grosso por não dispor de um aparato bélico na porta de entrada da Província. Devido às fragilidades do Arsenal de Marinha de Cuiabá, foram feitos estudos visando à sua transferência, e Ladário, por ser uma região estratégica, foi o lugar escolhido para a instalação do Arsenal de Marinha.

(...) A Freguesia de Ladário, após receber as instalações navais, a partir de 1873, passou a sobreviver quase que exclusivamente em função do arsenal. Ao aproveitar centenas de trabalhadores civis

militares, o Arsenal se tornou o maior empregador da região (MELLO, 2009).

Desse modo, partimos da premissa de que o antigo Arsenal e o atual 6º Distrito Naval foram, até hoje, um complexo de grande relevância para a cidade de Ladário no que concerne à assistência e ao trabalho conjunto com diversas instituições locais, por meio de acordos de cooperação.

A contribuição da Marinha do Brasil para a cultura ladarense contemporânea demonstrou-se, a diversos títulos, significativa. Destacando-se a história da construção e fundação da cidade, a política e a manutenção dos rios, pode-se afirmar que, em todos os aspectos, a tradição militar se entrelaça com a história da cidade.

No ano de 1945, o Arsenal passou a se chamar Base Fluvial de Ladário; em novembro do mesmo ano, o Comando Naval mudou sua denominação para 6º Distrito Naval. No entanto, o Comando do 6º DN foi transferido para São Paulo em 1966, só retornando para Ladário em 1975. De fato, em 1873, quando o Arsenal de Marinha foi trazido de Cuiabá, ainda antes da divisão do estado em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, o município ainda nem existia, sendo moldado a partir de então.

O emblemático pórtico de entrada do complexo do 6º Distrito Naval, em Ladário, um dos cartões postais e símbolo da cidade,

é uma réplica do Arco do Triunfo, referência da majestosa Avenida Champs Elysées, em Paris (França), juntamente com a imagem da padroeira da cidade, Nossa Senhora dos Remédios, ambos tombados como patrimônio histórico

**Tanto a construção quanto os costumes representam a influência da Marinha na formação da cultura e das tradições da cidade de Ladário**

pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), como tentativa de rememorar a tradição europeia predominante à época. Tanto a construção quanto os costumes representam a consolidação da conquista da fronteira oeste brasileira e a influência da Marinha na formação da cultura e das tradições da cidade.

A consolidação dos traços da fronteira oeste brasileira, construída após violentas disputas territoriais, tanto na vigência do Tratado de Tordesilhas como após a Independência do Brasil, culminou com o fim da Guerra contra o Paraguai. Assim, no Império e na República, as Forças Armadas buscaram garantir a integridade política do País, fosse recuperando territórios invadidos pelas forças paraguaias du-

rante a Guerra ou ocupando e defendendo territórios da fronteira oeste que pudessem estar sob ameaça de novas invasões.

Após violentas disputas territoriais, o antigo Arsenal de Marinha foi levado de Cuiabá em 1873, no intuito de garantir a integridade política do território conquistado, devido à sua localização numa região da hidrovia considerada estratégica, a fim de reforçar a defesa do Rio Paraguai após a Guerra da Tríplice Aliança, cristalizando os limites fronteiriços e ampliando os investimentos na estrutura militar no oeste brasileiro. Mas a influência vai muito além da conquista e manutenção da soberania territorial. O presente artigo se propõe a demonstrar as nuances da instituição no desenvolvimento socioeconômico da região, bem como seus desdobramentos para as influências culturais levadas pelos militares de seus locais de origem, além de promover a interação e a aproximação com a comunidade local, por meio de acordos de cooperação e projetos socioculturais.



Figura 1 – Pórtico do 6º Distrito Naval  
Fonte: Comunicação Social do 6º DN

Ao criar a capitania de Mato Grosso, em 1748, a coroa portuguesa buscava efetivar suas conquistas territoriais e deter o avanço das missões jesuíticas espanholas.

Desde a fase colonial, vários tratadistas especializaram-se nos direitos reconhecidos à época, buscando orientar a colônia para sua expansão além do território definido pelo Tratado de Tordesilhas.

Em 1777, o Tratado de Santo Ildefonso reconhece o Rio Paraguai como limite das possessões portuguesas e espanholas, mas definia que os territórios da margem direita do rio, como o Forte Coimbra, deveriam ser entregues aos espanhóis. Porém, por inexistirem terras com capacidade para abrigar povoações à margem esquerda, tornava-se impossível manter posições na margem direita, para assegurar o controle sobre o rio. Preocupados com o avanço português, os espanhóis ocuparam um ponto próximo ao Forte Coimbra, local em que foi construído o Forte Olimpo (1792), na margem direita do Rio Paraguai, à montante da região de Fecho dos Morros. Para reforçar a defesa de Forte Coimbra, foram instalados postos fortificados na margem direita do rio, a fim de prover apoio logístico ao forte. Assim foram fundadas as cidades de Ladário e Corumbá, ambas em 1778 (MATTOS, 1990).

Pela sua posição estratégica, o Forte Coimbra foi alvo de diversos ataques, porém sua manutenção proporcionou a consolidação da posse portuguesa da margem direita do Rio Paraguai. A defesa do Forte Coimbra durante o período do Império é considerada um dos fatores mais importantes para a manutenção da atual Região Centro-Oeste. Ao longo da história, a região do Pantanal foi extremamente significativa para a manutenção da fronteira oeste do Brasil. Caso os espanhóis tivessem conquistado o Forte Coimbra, as localidades de Corumbá e Ladário provavelmente teriam caído, já que Ladário foi fundada como colônia agrícola em 1778, pelo sertanista João

Leme do Prado, em apoio aos militares ali instalados, a fim de garantir a ocupação das cabeceiras dos rios Paraguai e Cuiabá.

Em 1825, o governo imperial tomou a iniciativa de construir seis barcas canhoneiras, resultando na criação em Cuiabá, em 19 de fevereiro de 1827, do Arsenal de Marinha da província de Mato Grosso, fato considerado como o início formal das atividades dessa Força na região. Como destacou o antropólogo e pesquisador Gustavo Villela Lima da Costa, sobre a fronteira oeste:

Os primórdios da Força Naval remontam à Flotilha de Canoas Artilhadas, embarcações de troncos inteiros esculpidos sob técnica indígena, fundamentais para cumprir os objetivos do colonialismo português, com fundações de povoadamentos e fortificações, nas margens opostas dos rios Paraguai e Guaporé e que negavam o uso dos rios e margens aos jesuítas e espanhóis. Em 1825, sob os auspícios do Brasil livre e independente, o Governo

Imperial resolve construir seis barcas canhoneiras, resultando na criação do Arsenal [de Marinha] (COSTA, 2013).

Pouco mais de dois anos após a sua criação, em 15 de novembro de 1829, o Arsenal de Marinha da Província de Mato Grosso passou a dispor de seu primeiro Comando de Força Naval, sob a responsabilidade do Tenente Augusto Leverger.

Por volta de 1856, com a livre navegação no Rio Paraguai e a consequente chegada de comerciantes estrangeiros, a cidade de Corumbá conheceu um rápido período de progresso, funcionando como porto de entreposto para as mercadorias que seguiam para Cuiabá.

Três anos mais tarde, em 29 de dezembro de 1864, as tropas paraguaias de Solano López tomaram o Forte de Coimbra, aportando, em 1º de janeiro de 1865, em Albuquerque, já abandonada, chegando no dia 4 do mesmo mês à Vila de Corumbá, o que levou os brasileiros a uma dramática retirada em direção a Cuiabá, obrigando-os a uma marcha de



Figura 2 – Arsenal de Guerra em Cuiabá

Fonte: AYALA, Cardoso; SIMON, F. *Album Graphico do Estado de Matto Grosso*. Corumbá/Hamburgo, 1914, p.184

aproximadamente 430 km, distância que, em linha reta, separava aquela Vila da capital da então província de Mato Grosso.

Entrelaçam-se neste rincão da fronteira oeste do Brasil uma história de vitórias e o crescimento do território de nossa Nação, que remontam ao início do século XIX, com a criação, em Cuiabá, do Arsenal de Marinha da Província do Mato Grosso nos idos de 1827. Mas com a Guerra do Paraguai, não obstante a grande vitória, passados oito anos da Batalha Naval do Riachuelo, foi observada a fragilidade na distância em prover a defesa da Pátria naquelas circunstâncias. Com isso, em 1873, foi determinada a transferência do Arsenal para a cidade de Ladário, hoje Mato Grosso do Sul, e suas consequentes evoluções para Comando Naval, em 10 de junho de 1933 e, finalmente, Distrito Naval, em 1945. (MARINHA DO BRASIL – Ordem do Dia nº 3/2016, do Comando do 6º DN)

Foram, portanto, as circunstâncias que envolveram a invasão do sul da antiga província de Mato Grosso pelos paraguaios, no início da Guerra da Tríplice Aliança (aqui incluída a tomada do Forte de Coimbra e a invasão da Vila de Corumbá), que levaram as autoridades imperiais a ter clareza da necessidade de reforçar a defesa a jusante do Rio Paraguai. A essa realidade somam-se, ainda, a enchente que afetou o funcionamento do Arsenal de Marinha

em Cuiabá, bem como as dificuldades de logística decorrentes das grandes distâncias a serem percorridas, levando à carência de material, que o afetava permanentemente. Na expressão do historiador sul-mato-grossense Saulo Álvaro de Mello:

Devido às fragilidades do Arsenal de Marinha de Cuiabá, foram feitos estudos visando à sua transferência, e Ladário, por ser uma região estratégica, foi o lugar escolhido para a instalação do Arsenal de Marinha. A transferência do Arsenal de Marinha de Cuiabá (MT) para Ladário foi feita em 1873, tendo início a sua construção no dia 14 de março do referido ano (MELLO, 2009, p. 233).

Assim, diante das circunstâncias acima, em 1873 as autoridades responsáveis pela MB resolveram promover a transferência do Trem Naval de Mato Grosso (Arsenal, canhoneiras e Companhia de Imperiais Marinheiros) para Ladário, o que levaria a Força a ocupar uma posição estratégica na hidrovia,



Figura 3 – Monumento Pedra Fundamental lançada em 1873 pela Marinha  
Fonte: Acervo pessoal da autora

podendo, além disso, desfrutar do intenso comércio vigente em Corumbá, que, como destacou Hildebrando Campestrini, já existia antes mesmo da guerra contra o Paraguai (CAMPESTRINI, 2002). Desde então, a Marinha vem aprofundando suas raízes no Pantanal, atraindo prosperidade econômica para o porto de Corumbá, cristalizando seus limites fronteiriços e ampliando os investimentos na estrutura militar do Oeste brasileiro (Figura 2). Segundo SZOCHALEWICZ (2014), pode-se dizer que o trecho de fronteira do Pantanal foi construído sob o trinômio Defesa, Segurança e Desenvolvimento, em concepção política da segunda metade do século XIX.

Cabe ressaltar que, após superar as sequelas da guerra e de ser um dos palcos do movimento de tomada e retomada dos territórios brasileiros invadidos, Corumbá, com a abertura dos portos, foi (re)construída, dando início a uma nova fase de desenvolvimento econômico (CORRÊA, 1980, p. 6). Contando com a atuação decisiva, no comércio, de elementos estrangeiros de diversas nacionalidades, com destaque para sírios e libaneses, já em 1876 três linhas regulares de navios a vapor partiam de seu porto em direção ao Rio de Janeiro. Transformada no principal entreposto comercial do Estado de Mato Grosso, praticamente até a década de 1930 a cidade viu crescer a importância de seu porto no País, ao mesmo tempo em que, na prática, se desvinculava da economia nacional ao estabelecer profundos laços com grandes centros comerciais platinos, como Assunção, Montevidéu e Buenos Aires, além de praças comerciais da Europa. Para Corumbá afluíam:

(...) mercadorias dos mais longínquos empórios, Havre, Liverpool, Man-

chester, Hamburgo, Paris, Londres, Southampton, Amsterdan, Lisboa, Porto e Gênova, desde rendas e tecidos franceses, maquinarias da Inglaterra e Alemanha, gêneros alimentícios da Holanda, vinhos portugueses e italianos, e do porto saíam os produtos da terra, couro, ipeca, charque, penas de garça e outras aves etc. Aí se processava o transbordo para as embarcações menores, destinadas a Cuiabá, Cáceres, Miranda, Coxim e escalas, pois a navegação internacional era permitida até Corumbá, enquanto para o norte de Mato Grosso (Poconé, Cáceres e Cuiabá) utilizavam-se somente navios brasileiros (SOUZA, s/d, p. 85).

Importante mencionar que a grande afluência de estrangeiros para Corumbá possibilitou não só o florescimento cultural da cidade, como influenciou o próprio modo de vida urbano, expresso, por exemplo, nas características arquitetônicas das construções edificadas entre o fim do século XIX e começo do século XX, marcadas pela imponência das fachadas do casario do porto, com seu ecletismo de estilos indicando uma época de prosperidade vivida pela chamada burguesia dos portos, espalhada pelos rios da Bacia Platina.

## MEMÓRIAS E HISTÓRIAS

Pautando-se pela ideia de Jacques Le Goff, (2008, p. 421) de que “a memória é um dos pilares em que se funda a identidade e que, por isso, todo ato memorial apresenta intenções identitárias”, a memória é abordada como “comportamento narrativo”, que se caracteriza, antes de mais nada, pela sua função social, pois se trata da comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo.

A memória, nas culturas antigas, foi sempre associada às experiências religiosas, e principalmente as religiões judaico-cristãs são caracterizadas como “religiões da recordação”, uma vez que, além da tradição histórica presente nas escrituras sagradas, há, em alguns aspectos, a necessidade da lembrança como tarefa religiosa fundamental; lembrar-se da salvação, dos feitos de Deus para com o povo, as ordens e o próprio Deus – Yahweh (LE GOFF, 2008, p. 443).

Rememorar é muito mais do que trazer o passado para o presente; trata-se de um instrumento para reavaliações, revisões, autoanálise, autoconhecimento, e é por este caminho que a memória alcança a identidade, sendo fator-chave em sua (re)construção.

Com isso, recorreremos aos registros de memórias a fim de resgatar as influências da Marinha nas tradições e na formação da cidade fronteira de Ladário, no intuito de evidenciar a influência desta Força Armada junto à sociedade.

A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para se interpor quer nos outros, quer nas bibliotecas. Isto significa que, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória (LE GOFF, 2008, p. 421).

Uma das premissas deste artigo é essa influência demonstrada pela presença da memória nos resquícios da instituição nas tradições, no modo de viver e se relacionar das pessoas da região em questão.

A memória individual, ao associar-se com a memória coletiva, presente a historicidade do espaço social, vai determinar as identidades individual e coletiva, onde tempo coletivo e espaço social se associam, formando a cultura histórica com a qual a identidade se consolida e se reproduz. Desta maneira, ecoando Le Goff (1984) e Nora (1996), a memória está relacionada à necessidade do ser humano de definir sua identidade e é contextualizada, motivo pelo qual não é espontânea e imparcialmente verdadeira. A memória permite a sobrevivência hoje do passado, uma vez que, por meio do exercício do pensamento simbólico, há a eternização e continuidade da história na consciência humana (LE GOFF, 2008, p. 467).

Desta forma, buscamos demonstrar como o contexto histórico tem se relacionado com a memória coletiva a partir dos níveis em que o individual se enraíza no social e no coletivo (linguística, demográfica, econômica, biológica, cultural e religiosamente) e também no estudo dos lugares da memória:

(...) Lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais, como os cemitérios ou as arquiteturas; lugares simbólicos, como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais, como os manuais, as autobiografias ou as associações (idem).

Para Castells (2000, p.22-23), a identidade é “a fonte de significado e experiência de um povo. (...) Toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem e para quê isso acontece”. Ora, vimos que a identidade

possui um caráter relacional, ou seja, ela se define em relação à alteridade; desta forma, buscamos demonstrar a relação entre a posição estratégica do Arsenal de Marinha ali instalado, antes mesmo do reconhecimento do município, e a identidade da população da cidade de Ladário, localizada na fronteira oeste do Brasil.

Os oficiais de Marinha da época, em sua maioria originados do Rio de Janeiro, não pouparam esforços para imprimir sua tradição no meio cultural da cidade, tentando reproduzir, nos rincões do Pantanal, o que desfrutavam no Rio de Janeiro e sendo aos poucos moldados pela cultura local. Lá chegando, culturas entrelaçadas foram construindo e ressignificando a cultura local de forma natural.

Enquanto os oficiais da época representavam as “elites” de uma sociedade escravocrata, as praças, segundo trabalho de mestrado de Saulo Álvaro de Mello (2009), eram “trazidas no laço” recrutadas entre os escravizados, órfãos, presos e vagabundos, para o serviço pesado.

A Força Naval, especificamente, formava seus quadros superiores por meio da cooptação política das elites e os inferiores através da contratação de estrangeiros, do recrutamento forçado e, finalmente, pelo mecanismo compulsório de inserção de grupos de homens livres pobres e libertos nas Escolas de Aprendizes-Marinheiros. A presença de trabalhadores escravizados para suprir a marinagem reproduzia uma sociedade pautada pelos valores escravistas, em que o trabalho manual ou braçal tinha o signo da desonra para o segmento branco e da violência e discriminação para o negro sob cativo ou mesmo liberto. Aliado a essa questão, acoplava-se o sistema de recrutamento anacrônico e violento, constituído

por guarnições navais que envolviam marinheiros voluntários, contratados, ou recrutados compulsoriamente entre os tripulantes da Marinha Mercante, desempregados, criminosos e escravizados (MELLO, 2009. p. 109).

A sopa paraguaia, descrita pelo poeta e escritor ladarense João Lisbôa Macêdo, é outra das manifestações mais plurais e mais antigas da cultura local que permanece até os dias de hoje.

É um bolo apetitoso de fubá de milho saboró, queijo, leite, banha, ovos, sal e cebola. Essa massa suculenta tinha a sua expansão costumeira por ocasião da Semana Santa, na antiga intenção religiosa de substituir-se a ingestão de carne na sexta-feira maior (MACÊDO. 1983, p. 12).

O fubá, hoje, pode ser adquirido facilmente. Mas em tempos mais remotos necessitava-se de três a quatro dias de dedicação para o preparo deste ingrediente principal. Este costume de inspiração guarani incorporado às nossas tradições também não escapou à influência da Marinha:

(...) com que boa vontade as donas de casa se entregavam à confecção do bolo, removendo todas as dificuldades que surgissem para a sua apresentação no dia santo! E, na quarta-feira à tarde, podiam-se ver aqueles panelões de ferro, gamelas de madeira, travessões de barro cheios até a boca da massa amarela de milho, grandes colheres de madeira em forma de remo, na mão das mulheres que revolviam o apetitoso quitute, em meio à algazarra da criançada, para a qual tudo era um motivo ordinário de festa, como os que antecedem um dia de casamento ou de aniversário.

A essas alturas, o forno de tijolos, parecido com a casa de “joão-de-barro”, erguido no meio do terreiro, já estava aceso com a lenha especialmente trazida das imediações da antiga vila, um pouco além do cemitério, e quando de mais longe, perigosamente, das matas do Coronel. Quase sempre era o chefe de casa quem se encarregava de trazer a lenha e de acender o forno.

- Tudo pronto para o assamento?
- Tudo pronto!

*E as assadeiras de folhas de flandres, feitas caprichosamente pelos caldeiros do Arsenal de Marinha, untadas com banha de porco, cheias da massa amarela, eram levadas ao forno (...). E o bolo estava pronto para degustação (IDEM, 1983, p. 12-13, grifo nosso).*

Os militares designados para servir naquela localidade, considerada inóspita e insalubre de início, eram pegos de surpresa pela tradição da “sopa”:

Há forasteiros, principalmente sulistas ou de sangue europeu, que não apreciam o sabor desse bolo. A totalidade do nosso povo, no entanto,ingere-o com bom gosto.

E nós, particularmente, gostamos da sopa paraguaia e não a trocamos pelo melhor vatapá (...) (IDEM, *Ibidem*).

Esses forasteiros, frequentemente, eram e são motivo de brincadeiras por desconhecimento da cultura local: ao chegarem à cidade, dizem-lhes que, ao serem convidados para degustar a sopa paraguaia na casa de alguém, que levem a sua própria colher, e se surpreendem quando percebem se tratar de um bolo salgado, e não uma sopa líquida como conhecem. Mas este fato só foi descrito em relatos orais.

Para Maranhó (2016), o militar que vai cumprir sua missão nessas terras longínquas do Oeste brasileiro não se apropria da fronteira; no entanto, observamos que existe, sim, uma transformação da cultura por meio de uma certa “imposição” vinda de outras terras, já que, por exemplo, ao levar a imagem de Nossa Senhora dos Remédios, o militar, em busca de se sentir “em casa”, acaba por entrelaçar sua cultura à cultura

### **O militar, em busca de se sentir “em casa”, acaba por entrelaçar sua cultura à cultura local**

local, interferindo nesta e sendo transformado pela mesma ao incorporar aos seus costumes o hábito de tomar o tereré<sup>1</sup>.

Após entendermos as questões relativas à fronteira e às leis que regem a presença da Marinha em Ladário, nos debruçamos a descobrir de que forma os militares que migraram junto com o Arsenal de Marinha de Cuiabá para a cidade em 1873 (e seus dependentes, e os descendentes destes) impactaram e vêm impactando, até os dias atuais, os aspectos culturais e socioeconômicos da cidade.

1 Bebida típica sul-americana feita com a infusão da erva-mate (*Ilex paraguariensis*) em água fria. De origem guarani, pode ser consumido com limão ou hortelã, entre outros. O Mato Grosso do Sul foi o primeiro estado do Brasil a conhecer a bebida, sendo esta levada pelos paraguaios e índios guaranis kaiowás, que passaram a pertencer ao País quando da nova definição da fronteira entre Brasil e Paraguai, colocando imensos ervais nativos ao Brasil. E também todo o ciclo brasileiro da erva-mate do tereré teve início na cidade sul-mato-grossense de Ponta Porã, quando ainda era território paraguaio. Esta cidade faz fronteira com Pedro Juan Caballero, município paraguaio. Depois, o uso expandiu-se para outras cidades e estados.

Este estudo sintetiza um material que busca contribuir para estudos futuros, com a pretensão de diminuir o abismo entre os militares e a sociedade civil ao analisar a atuação dos militares da Marinha na fronteira oeste do Brasil à luz da Política Nacional de Defesa, dando maior visibilidade às atividades desenvolvidas.

### **NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS, SEU TEMPLO E SUA PROCISSÃO**

O patrimônio cultural que o município de Ladário abriga é dinâmico e significativo.

A chegada “inesperada” da imagem de Nossa Senhora dos Remédios à cidade, ainda no século XVIII, pelo Rio Paraguai, levada por um militar da Marinha (estes dois grandes alicerces econômicos da cidade), é tida como verdadeiro exercício do mistério da fé, que se estendeu por meio dos inúmeros milagres concedidos aos fiéis, o que viria a ser reconhecido cem anos depois, transformado a paróquia em um verdadeiro santuário de milagres.

A história da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios está intimamente ligada à memória do Arsenal de Marinha, já que, num primeiro momento, quando a igreja ainda não havia sido construída, as missas eram realizadas ao ar livre ou na capela do Arsenal de Marinha e também pela chegada da imagem de Nossa Senhora dos Remédios, em 1893, trazida pelo então comandante na época, Capitão-Tenente Raimundo de Souza Lobo.

Segundo Renato Baéz, um dos memorialistas corumbaenses, a pedra fundamental da igreja foi lançada em 2 de setembro de 1878, isto é, cem anos após a fundação da vila de Ladário, ocorrida em 1778. A construção da igreja, porém, só teve início em 1892

No Arsenal da Marinha existia a capela velha do arsenal e do povo de Ladário. A 8 de janeiro de 1893 o Pe. Constantino Tarzio (SDB), vigário, abriu o livro de “Fábrica, da igreja nova de Ladário”. A pedra fundamental da igreja foi lançada no dia 2 de setembro de 1878, no entanto, só em 1892 teve



Figura 4 – Procissão fluvial

Fonte: Comunicação Social do Comando do 6º Distrito Naval

início a sua construção. A igreja, trabalho do construtor italiano Germano dos Santos Mauro, foi inaugurada em 1896. (BAÉZ, 1965)

Desta forma, ainda de acordo com o memorialista, o ano de 1896 representou a primeira fase de construção da igreja, e o ano de 1898 sua fase final. É possível afirmar, desse modo, que a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios possui 119 anos, e a imagem da santa 122 anos, sendo ambas consideradas patrimônio cultural material de Ladário.

Todavia, a nova paróquia de Nossa Senhora dos Remédios só foi inaugurada no ano de 1939, ou seja, 41 anos após o término de sua construção. O responsável pela diocese de Santa Cruz na época, bispo de Corumbá, D. Vicente B. M. Priante, foi quem criou a nova paróquia, que ficou sob a administração dos padres franciscanos do comissariado do Mato Grosso.

Abaixo é descrita a situação da igreja quando os padres franciscanos a assumiram:

Quando os franciscanos assumiram a paróquia de Ladário, já havia a igreja de Nossa Senhora dos Remédios. Ela era grande, construída de pedras naturais. As paredes de fora estavam sem reboque. Ao lado, na frente, existia uma escada encimada por um telhado, como de um baldaquino, para abrigar os sinos. O forro e o telhado da igreja estavam furados, as paredes de cima mostravam aberturas, pelas quais muitos morcegos entravam na igreja. Estes males foram sanados por um novo telhado e pelos consertos que foram feitos em 1943. Segundo o Pe. Frei Mateus Hoepers, visitador geral em 1943: “Aqui em Ladário, vocês, pelo menos, têm uma igreja que merece este nome”(Crônica, f. 3v). Em 1945, foi

realizada uma reforma total da igreja, sob os cuidados do irmão Frei Valfrido Stahle. (KNOB, 1988, p. 293)

Antes, em 1942, foi assinada a planta para a construção da torre. A parte que já existia da torre e parte da fachada foram derrubadas para construir a nova que, sobretudo, contou com a ajuda da população e do comando naval. A torre possuía quatro sinos, fabricados em Sorocaba no ano de 1946 e encomendados pelo Frei Liberato Kettere, responsável pela igreja na época. O coro da igreja, que vinha desde o tempo de sua fundação, era de madeira, sendo depois concretado.

Portanto, a igreja Santuário Nossa Senhora dos Remédios, construída pelo italiano Germano dos Santos Mauro, apesar de ter sua pedra fundamental lançada em 1878, só teve sua obra iniciada 14 anos depois, em 1892. Inaugurada em 1896, a igreja só ficou totalmente pronta em 1898. E somente 41 anos depois a capela foi elevada a paróquia, ficando determinado período sob a atenção e os cuidados de padres salesianos, momento em que foi ampliada.

Em seu livro *Sopa Paraguuaia*, o escritor e poeta ladarense João Lisbôa Macêdo conta que a história de devoção à paróquia começou quando o Capitão-Tenente Souza Lobo trouxe, em 1893, a imagem de Nossa Senhora dos Remédios, de origem espanhola e modelada em gesso, de presente para a cidade de Ladário, ficando inicialmente abrigada na antiga capela do Arsenal da Marinha e sendo transferida para o santuário quando a então capela teve sua obra concluída.

Eis os dados históricos da Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios de Ladário fornecidos pela Sra. Clarimer de Meira Navarro, que os colheu da administração em maio de 1980 para a organização do livro de Macêdo (1983. p. 31-33):



Figura 5 – Padre Celso (pároco) com a imagem de N. Sra. dos Remédios, em procissão fluvial em navio da Marinha

da fé pela recuperação da saúde: adoecidas ou machucadas, as pessoas recorrem aos lenitivos da divindade; obtendo curas, automaticamente atendem ao compromisso assumido, o que corresponde à permanência da procissão sempre bem concorrida. Infelizmente é uma tradição que se mantém pela necessidade, ante o estigma da dor e da enfermidade (MACÊDO, 1983. p. 32).

Como se verificou na maioria das comunidades brasileiras, Ladário teve também sua dedicação religiosa no início de sua mais efetiva e influente configuração populacional, quando o Capitão-Tenente José Raymundo de Souza Lobo, da guarnição do Arsenal de Marinha, fez-lhe presente de uma imagem consagrada à Virgem, sob a intenção de restauradora dos enfermos, com o nome de Nossa Senhora dos Remédios.

De início ela esteve em uma capela no interior do Arsenal, tendo sido removida depois para o altar-mor da igreja especialmente construída, e que lhe tem o nome.

Ainda segundo Macêdo (1983), estudiosos apontam que a imagem é de origem espanhola e foi “trazida para o Brasil (Recife) no século XVIII, devendo ter, portanto, a sua intimidade histórica entre os feitos de lutas e conquistas da terra de Cervantes”.

A sua procissão cremos ser uma tradição que jamais se extinguirá, uma vez que o motivo se vincula à questão

A evolução administrativa da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios teve o seu prosseguimento com a assistência dos padres salesianos, diocesanos e franciscanos vindos de Corumbá, no período de 1898 a 1939. A partir desse ano, passou à categoria de paróquia independente da de Corumbá, quando se evidenciou grande impulso no progresso, tendo sido o seu primeiro vigário o padre franciscano Eucário Schmidith (MACÊDO, 1983).

A igreja foi tombada como patrimônio histórico do município pela Lei Municipal 960/2016, sancionada pelo prefeito José Antonio Assad e Faria no dia 18 de julho daquele ano. O tombamento foi inscrito no livro da Fundação de Cultura do Município de Ladário:

Art. 1º – Fica tombada e inscrito no Livro da Fundação de Cultura do Município de Ladário-MS, como patrimônio histórico, religioso e cultural, a imagem de Nossa Senhora dos Remédios que fica no Santuário de Nossa Senhora dos Remédios.

Art. 2º – Fica proibida qualquer alteração e modificação da imagem; se



Figura 6 – Imagem de Nossa Senhora dos Remédios  
 Fonte: <<https://www.a12.com/academia/titulos-de-nossa-senhora/nossa-senhora-dos-remedios>>

restaurada, permanecer com sua originalidade preservada (Ladário, 2016).

Desta forma, conforme a lei, fica proibida qualquer alteração ou modificação na imagem real da Santa Padroeira do município, localizada na sede do Santuário de Nossa Senhora dos Remédios, no centro da cidade, bem como no santuário que a abriga, devendo estes se manter em bom estado de conservação.

A representação mais antiga da imagem, hoje conservada, de estilo românico, pertenceu à primeira casa dos trinitários em Marselha: a Virgem está sentada, com o Menino Jesus no braço esquerdo e com a bolsa de dinheiro no direito. A bolsa alude, como relatam muitos biógrafos, à aparição e ao socorro dado por Nossa Senhora a São João de Matha em Túnis

e em Valência (Espanha). São João de Matha estava sendo atormentado pelos muçulmanos, que exigiam o preço duplicado por escravos já resgatados, sob ameaça de reconduzi-los em prisão.

Tendo suplicado à Virgem, com fervor, como Mãe do Bom Remédio, foi por ela miraculosamente provido.

No Brasil, Nossa Senhora do Bom Remédio é mais conhecida com o título de "Nossa Senhora dos Remédios". Os frades trinitários, com suas confrarias e os devotos, se empenhavam na difusão de suas devoções específicas e, assim, trouxeram para o Brasil o culto da Virgem dos Remédios, em honra da qual ergueram capelas em várias províncias do Nordeste e nas regiões barrocas de Minas Gerais. Em São Paulo, a Igreja dos Remédios, com seu frontispício de azulejos e sua história recheada de lendas, estava situada na Praça João Mendes. Era o refúgio dos escravos perseguidos e, nos últimos tempos do Império, o reduto preferido dos abolicionistas. Em 1941, foi demolida para o alargamento da praça, conhecida antigamente como Largo dos Remédios. Na Ilha de Fernando de Noronha, a igreja dedicada à santa foi construída em estilo português, em 1737, logo depois da expulsão dos franceses, que ali permaneceram durante um ano.

## DE CINE MARINHA À ATUAL CASA DE CULTURA

O antigo Cinema de Ladário é outra expressão da influência da cultura naval na cidade. Fundado em 1º de maio de 1936 por Agemor Radiche, com localização na antiga Rua do Portão, ficou por muito tempo sob a coordenação de Jarbas Pirato Manso.



Figura 7 – Inauguração da Casa de Cultura de Ladário  
Fonte: [www.com6dn.marinha.mil.br](http://www.com6dn.marinha.mil.br)

No ano de 1962, a Marinha passou a ser proprietária do cinema, que teve seu nome mudado para Cine Marinha; porém, em 1972, fechou suas portas por motivos desconhecidos. Atualmente, o prédio é ocupado pela Prefeitura, funcionando como Casa de Cultura de Ladário, inaugurada em 2016.

Diante do exposto, pudemos observar que a presença e a atuação dos militares na região fronteira do Oeste brasileiro, em especial nas cidades de Corumbá e Ladário, continuaram mesmo após findados os conflitos e cristalizados os contornos da fronteira, indo além do propósito de defesa e de incentivo ao desenvolvimento, haja vista que a presença dos militares representava e ainda representa envio regular de novos recursos, devendo-se constatar, contudo, que a importância econômica e política dos mesmos vem diminuindo desde a segunda década do século XX, em detrimento das atividades comerciais e industriais extrativistas, como as da Vale e do Cimento Itaú, mas ainda mostra-se significativa sobre as influências culturais.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:  
<VALORES>; Cultura; Marinha do Brasil; Religião; Tradição;

## REFERÊNCIAS

- BAÉZ, Renato. *Corumbá: Evocações e realidades*. São Paulo: Composto e Impresso, 1965, 152p.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1992.
- CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- KNOB, Frei Pedro. *A missão franciscana do Mato Grosso*. São Paulo: Edições Loyola, 1988.
- MACÊDO, João Lisboa de. *Sopa Paraguaia*. s.n., 1983, 173p.
- MARANHO, Márcia V. M. Taube. *A Marinha do Brasil e a presença de seus militares na fronteira Oeste do Brasil: o caso de Ladário*, MS. Dissertação de Mestrado em Estudos Fronteiriços, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2014.
- MELLO, Saulo Álvares de. “O Arsenal da Marinha em Mato Grosso: projeto político e defesa nacional e de disciplinarização do trabalho: do planalto à planície pantaneira (1719-1873)”. Dourados, MS: Universidade Federal da Grande Dourados, 2009.
- SOUZA, M. “Território da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental”. In: SAQUET, M.A.; SPOSITO, E.S. *Território e territorialidades: teoria, processos e conflitos*. SP: Expressão Popular, p. 57-72, 2009.